



VELHICE, MEMÓRIA E PODER EM *DIARIO DE LA GUERRA DEL CERDO*, DE ADOLFO BIOY CASARES

Letícia Malloy*

* leticiamalloy@gmail.com
Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários UFMG. Mestre em Estudos Literários pela UFMG. Bolsista FAPEMIG.

RESUMO: Este ensaio objetiva apresentar reflexões sobre o romance *Diario de la guerra del cerdo*, escrito pelo argentino Adolfo Bioy Casares e publicado no ano de 1969. Toma-se por foco a análise de três eixos temáticos de relevo constantes do referido texto literário, quais sejam, a velhice, a memória e o poder. Para tanto, dialoga-se perspectivas teóricas de Simone de Beauvoir, no que toca à velhice, e Gerard Genette e Phillipe Lejeune acerca do narrador e do registro de memórias. Discorre-se, ainda, a respeito das relações de poder fomentadas ao longo do romance com fundamento em teses desenvolvidas por Michel Foucault, Louis Althusser e Pierre Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVE: Adolfo Bioy Casares; velhice; conflito geracional; memória; relações de poder.

ABSTRACT: This paper aims at presenting reflections upon the novel *Diario de la guerra del cerdo*, written by the Argentinian Adolfo Bioy Casares and published in 1969. The study focuses on the analysis of three outstanding thematic axes that can be verified in the above-mentioned literary text: old age, memory, and power. For such, it dialogues with theoretical perspectives developed by Simone de Beauvoir, regarding old age, as well as Gerard Genette's and Phillipe Lejeune's works relating to the narrator and to the act of writing about memories. It also discusses power relations fuelled throughout the novel by taking Michel Foucault's, Louis Althusser's, and Pierre Bourdieu's theories into account.

KEYWORDS: Adolfo Bioy Casares; old age; generational conflict; memory; power relations.

No ano de 1979, o texto de literatura infantil intitulado *Bem do seu tamanho*, da escritora brasileira Ana Maria Machado, foi agraciado com o segundo lugar no Prêmio Fernando Chinaglia e, em 1980, foi classificado como “Altamente Recomendável para Crianças” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. O volume tem seu enredo organizado em função da jornada da menina Helena, que, em companhia de Bolão, um boi de mamão, parte em busca de uma resposta sobre seu exato tamanho – algo como “muito grande”, “pequeninha”, “bem grandinha” ou “muito pequena”.¹ Segundo observa Marina Quintanilha Martinez, *Bem do Seu Tamanho* “(...) aborda o problema da relatividade da dimensão do eu, a dificuldade de precisar e definir cada ser humano, como ser relacional”,²

É razoável supor que a indagação sobre a precisa medida dos seres tenha sido levantada, de maneiras mais ou menos inquietantes, em algum momento da infância da maior parte dos sujeitos. Afinal, como no caso da perspicaz Helena, uma importante parcela das histórias individuais e dos traços compositivos da identidade é delimitada, desde cedo, a partir de exercícios comparativos e de relações entabuladas com os pais, os avós, os irmãos mais velhos e mais novos, os amigos, os objetos domésticos, as tarefas e brincadeiras permitidas e, também, com as atividades apenas imaginadas, próprias de um futuro em que os indivíduos, por serem mais

velhos, tornam-se aptos ou simplesmente autorizados a desempenhá-las. Durante a infância, é lícito almejar, a exemplo do que faz Helena, um valor de grandeza capaz de conciliar os aspectos físico, psíquico, emocional, social, cultural, histórico e econômico que participam do desenvolvimento de cada individualidade. Ao combinar tantas nuances, tal valor de grandeza poderia oferecer respostas categóricas e apaziguadoras sobre a extensão de cada um.

É interessante observar que a busca por respostas classificatórias dos estágios da existência pode se estender à vida adulta, ensejando a elaboração de categorizações como a que se apresenta no texto enciclopédico *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, compilado no século XIII e citado por Philippe Ariès em *História social da criança e da família*. Segundo o texto do período medieval, as idades podem ser classificadas segundo sete agrupamentos: inicialmente, tem-se a infância, que “(...) começa quando a criança nasce e dura até os sete anos”, seguida da *pueritia*, que se estende “(...) até os 14 anos”. Após esses ciclos, o indivíduo experimenta a adolescência, que pode ir “(...) até os 30 ou 35 anos”, e a “(...) juventude, que está no meio das idades [termina aos 45 anos], embora a pessoa aí esteja na plenitude de suas forças”. A quinta fase corresponderia à senectude, que “(...) está a meio caminho entre a juventude e a velhice” e também recebe a denominação de “(...) gravidade, porque a pessoa nessa idade é grave nos costumes e nas

1. MACHADO. *Bem do seu tamanho*, p, 5; 6; 11.

2. MARTINEZ. Contracapa (parecer da comissão julgadora do Prêmio Fernando Chinaglia de 1979).

3. GLANVILLE *apud* ARIÈS. *História social da criança e da família*, p. 36. Todos os fragmentos se encontram dispostos à mesma página.
4. GLANVILLE *apud* ARIÈS. *História social da criança e da família*, p. 37.

maneiras”.³ Posteriormente, dá-se a chegada da velhice, que perdura até os 70 anos e pode se desdobrar em uma sétima fase da existência, denominada *senies*, na qual “(...) o velho está sempre tossindo, escarrando e sujando (...), até voltar a ser a cinza da qual foi tirado”.⁴

Tentativas de delimitação das fases da vida humana, como a constante de *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, foram compostas e reformuladas ao longo do tempo, apresentando variações orientadas por contingências históricas distintas. Reconhecendo-se, entretanto, a impossibilidade de que uma qualificação certa e definitiva dos períodos da vida seja elaborada, resta a cada sujeito conviver com a angústia sobre a relatividade de seu “tamanho”, sentimento que emerge na infância e perdura existência afora até a idade madura. Em estudo sobre o tema da longevidade na literatura brasileira, Carmen Lucia Tindó Secco afirma que, na velhice, aquela angústia chega a assumir dimensões ainda maiores que as verificadas na juventude:

O exílio dos anos, provocado por civilizações que rejeitam o velho, aumenta a solidão, porém esta, povoada por um lastro de experiências, torna a crise da velhice *mais aguda que a da adolescência, pois, ao contrário desta, não pára (sic) no circuito narcísico da procura da identidade, mas estilhaça a própria imagem, fazendo o idoso enfrentar o vazio que se esconde atrás da máscara das*

rugos. O adolescente se debate e se angustia, contudo espera conquistar um lugar no futuro; o ancião, geralmente, sente-se triste, por pensar “não poder lutar mais por espaço algum”.⁵

Tal angústia, verificável no texto da brasileira Ana Maria Machado e abordada no estudo de Carmen Lúcia Tindó Secco, pode ser visitada, também, a partir da análise do enredo de *Diario de la Guerra del Cerdo*, romance escrito pelo argentino Adolfo Bioy Casares (1914-1999). Na narrativa em questão, publicada em 1969, a reflexão acerca da idade e de suas implicações na relação com o outro parte não de crianças, mas de idosos. O protagonista Isidoro Vidal, conhecido como *don* Isidro, e seus amigos, que referem a si mesmos como *muchachos*,⁶ veem-se confrontados com a superveniência da idade madura e têm suas rotinas atravessadas pela animosidade vinda de jovens, que tomam por indesejável a presença da velhice à medida que transitam por um espaço narrativo construído a partir de referências à cidade de Buenos Aires. Interpelado pelo meio, o grupo de amigos idosos é levado à formulação de indagações aflitivas sobre aspectos que participam da caracterização daquelas personagens. Em linhas gerais, é possível enumerar as seguintes questões que perpassam o enredo: já sou idoso? Sou tão idoso assim? Ser velho é inconveniente e repulsivo? Por que a um idoso não é mais admissível fazer isso ou aquilo? A velhice implica o insulamento em relação à dinâmica social?

5. SECCO. *Além da Idade da Razão*, p. 37, grifo nosso.

6. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 9.

Cumpra observar que, de maneira geral, questionamentos dessa ordem podem surgir espontaneamente nas dinâmicas firmadas entre o idoso e os grupos familiar e social a que pertence. No entanto, em situações específicas de turbacão das relações quotidianas, provocadas pela discriminação e pela ameaça de violência, tal como é verificado em *Diario de la guerra del cerdo*, aquelas indagações sobre a velhice podem ganhar maior relevo e passar ao rol das discussões emergenciais. Envoltas em uma atmosfera opressiva, as personagens idosas do romance de Adolfo Bioy Casares são deslocadas à condição de alvos das manifestações hostis e de ataques físicos empreendidos por uma organização liderada por um demagogo de nome Arturo Farrell e denominada *Jóvenes Turcos*. Ao longo da narrativa, a delimitação das categorias de agressor e vítima é esboçada, mas, continuamente, escapa aos olhos do leitor. Com efeito, as relações entre opressor e oprimido ocorrem por meio da fluidez dos conceitos de juventude e de velhice. Se o “tamanho” de cada um é impreciso, quem está passível de ser atacado e quem não está? Quem já é idoso e quem não o é? *Diario de la guerra del cerdo* não oferece respostas a essas perguntas, o que resulta na dificuldade em definir quem são as potenciais vítimas, na impossibilidade de precisão dos contornos da face inimiga e em obstáculos à identificação dos motivos propulsores da hostilidade aos mais velhos.

A nebulosa demarcação dos territórios da juventude e da velhice em *Diario de la guerra del cerdo* amplia as possibilidades de as personagens tomadas por idosas ou possíveis idosas manifestarem sua complexidade e expressarem a humanidade de sua condição. Nesse sentido, a figuração da senescência naquele romance não toca o extremo da sacralização ou beatificação da velhice, tampouco tende à completa vitimização do idoso no contexto social de que participa. Em verdade, o homem envelhecido disposto ao centro da narrativa casareana é apresentado como portador de angústias, receios e virtudes, protagonista de intercalados momentos de covardia e de coragem, titular de uma sexualidade desejosa de expressão e, também, autor de reflexões e práticas preconceituosas dirigidas à velhice alheia. O realce em âmbito ficcional ao fato de que o sujeito senescente não é despojado de seus vícios, tampouco das virtudes constitutivas de sua personalidade, coaduna-se com certa ponderação desenvolvida por Simone de Beauvoir acerca da velhice. Segundo observa a filósofa francesa em obra publicada no ano de 1970, a voz humana – e a complexidade que por meio dela se expressa – assenta raízes inamovíveis no idoso, ainda que os mais jovens não desejem ouvi-la:

Na França, onde a proporção de velhos é a mais elevada do mundo – 12% da população já ultrapassou os 65 anos de idade – eles (*sic*) se vêem (*sic*) condenados à miséria, à solidão,

às enfermidades e ao desespero. Nos Estados Unidos, eles (*sic*) não são mais afortunados. A fim de conciliar semelhante barbárie com a moral humanista por ela professada, a classe dominante toma a cômoda decisão de não os considerar homens; sua voz, se fôsse (*sic*) ouvida, forçá-la-ia a reconhecer que se trata de uma voz humana.⁷

Por outro lado, se no plano fático, conforme observado por Simone de Beauvoir, verificam-se movimentos em que se procura obliterar a voz do idoso, no texto literário de Adolfo Bioy Casares os atos de enunciação advindos da idade madura ganham destaque, são problematizados e consistem em cerne do enredo. No entanto, a concessão de voz à velhice não ocorre de maneira unívoca, visto que a trama avança em meio a um significativo grau de incerteza no que toca à função narrativa. O leitor avança as páginas de *Diario de la guerra del cerdo* valendo-se da “focalização interna”⁸, isto é, do olhar, das reflexões, das memórias e dos questionamentos de Isidoro Vidal durante a *guerra al cerdo*⁹ sem, entretanto, poder afirmar com precisão se o estatuto do narrador é ou não conferido ao protagonista.

Pode-se afirmar que a identidade entre protagonista e narrador vacila entre três hipóteses. A primeira delas sugere que *don Isidro* consiste em narrador “autodiegético”¹⁰ que, sendo o autor do diário e o herói da narrativa, assume

uma atitude de distanciamento ao optar pelo uso da terceira pessoa gramatical para registrar memórias sobre uma passagem específica de sua vida. Na segunda hipótese, tem-se um narrador “homodiegético”¹¹, não coincidente com *don Isidro*, que participa da narrativa desempenhando um papel secundário e exercendo a função de um observador que busca acessar a cadeia de eventos da *guerra al cerdo* pela perspectiva de Isidoro Vidal. A terceira hipótese, sustentada pelo professor espanhol Javier de Navascués,¹² consiste na possibilidade de que o autor do diário seja heterodiegético, contando, dessa maneira, uma história da qual não participa. Cumpre, neste ponto, lembrar a assertiva de Phillippe Lejeune sobre a complexidade da tarefa de categorização do narrador. Consoante exposto por Lejeune, Gérard Genette

(...) deixa claro que pode haver narrativa “em primeira pessoa” sem que o narrador seja a mesma pessoa que o personagem principal. É o que chama, numa perspectiva mais ampla, de narração “homodiegética”. Basta continuar esse raciocínio para ver que, no sentido inverso, é perfeitamente possível que haja identidade entre o narrador e o personagem principal sem o emprego da primeira pessoa.¹³

Em face da ponderação de Lejeune acerca da classificação proposta por Genette, seria lícito supor que *don Isidro* é, a um só tempo, sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, e

7. BEAUVOIR. *A velhice*, p. 6, grifo nosso.

8. GENETTE. *Discurso da narrativa*, p. 187.

9. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 91.

10. Segundo Genette, a narrativa autodiegética, “em que o narrador é o herói de sua narrativa, [...] representa o grau forte do homodiegético”. Cf. GENETTE. *Discurso da narrativa*, p. 244.

11. GENETTE. *Discurso da narrativa*, p. 244.

12. NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*, p. 64.

13. LEJEUNE. *O pacto autobiográfico*, p. 16.

que o emprego da terceira pessoa gramatical se dá com vistas à produção de determinado efeito. Uma vez transpostas para o universo romanesco as considerações de Lejeune sobre a autobiografia, é possível cogitar que o narrador de *Diario de la guerra del cerdo*, coincidindo com a figura de Isidoro Vidal, tenha utilizado a terceira pessoa com o objetivo de estabelecer um distanciamento em face dos eventos traumáticos ocasionados pelas agressões perpetradas por jovens contra velhos e, também, para conferir maior credibilidade ao testemunho concernente aos eventos experimentados. Percebe-se, de qualquer modo, a impossibilidade de eleição, em definitivo, desta ou das outras hipóteses acima listadas como resposta sobre o estatuto do narrador no romance, o que confere à narrativa uma tessitura complexa.

A indefinição quanto ao estatuto do narrador de *Diario de la guerra del cerdo*, aliada à utilização de características usualmente atribuídas ao diário, guarda afinidade com afirmação de Mikhail Bakhtin, segundo o qual “o romance é um gênero em devir”, passível, destarte, de constantes modificações em seu modo de composição.¹⁴ A aproximação entre o romance em análise e a assertiva de Bakhtin ocorre, também, em virtude do modo como a narrativa é estruturada: os quarenta e nove capítulos do romance são mesclados a uma intermitente indicação de datas, dispostas à maneira de um diário, sendo este amalgamado às vozes das personagens e a menções a outros registros textuais, como versos de músicas.

Verifica-se, além disso, que o sujeito escrevente organiza suas páginas pessoais a partir da disposição de um início, um meio e um desfecho, isto é, por meio de uma lógica de circularidade que, via de regra, não consiste em uma preocupação daqueles que se dedicam à manutenção de um diário. No romance-diário, executa-se um recorte temporal que dá a conhecer, apenas, pouco mais de uma semana da vida do sexagenário *don* Isidro. Poucas são as vezes em que é franqueado acesso a memórias da infância e da mocidade do protagonista, e, quando isso ocorre, estabelece-se uma relação direta entre aquelas memórias e determinado evento relacionado à *guerra al cerdo*. O narrador não se dedica, portanto, a um arazoado sobre o passado remoto, tampouco a uma apologia das tradições como estratégia de defesa do idoso em face dos ataques empreendidos por jovens; apenas acessa episódios pretéritos quando nestes encontra chaves para a interpretação do que vivencia durante a *guerra al cerdo*.

Não obstante o fato de serem dados a conhecer poucos dias da vida do protagonista, percebe-se a complexidade de *don* Isidro na contradição que a personagem que leva consigo: Vidal tem desnudada, aos olhos do leitor, sua admiração pelas habilidades retóricas de Arturo Farrel, líder dos *Jóvenes Turcos* e, conseqüentemente, seu potencial algoz. À primeira vista paradoxal, a simpatia de *don* Isidro pelo demagogo que incita a violência contra os idosos serve de sustentação ao exame da *guerra al cerdo* como um todo. Isso porque a

14. MACHADO. A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin, p. 137.

ambiguidade da personagem, estendida ao contexto em que está inserida, denota a ausência de lados precisamente demarcados e em clara oposição de interesses. Afinal, o jovem agressor e o idoso que ele virá a ser estão na mesma pessoa, e o decurso do tempo acaba por se afigurar como o grande vencedor do embate.

Ao revelar a contradição acima referida e chamar para si características próprias do sujeito que reproduz percepções pejorativas acerca da velhice, sem, contudo, possuir a liberalidade de imunizar-se dos inconvenientes causados por aquelas mesmas percepções, *don* Isidro se desdobra em papéis e toma parte em práticas sociais por meio das quais relações de poder são engendradas. Consistindo em um dos agentes responsáveis por fiar teias de poder no âmbito do romance, *don* Isidro pode ter sua conduta examinada à luz da tese de Michel Foucault segundo a qual o poder não se encontra localizado em uma instância – como o Estado ou as instituições jurídicas – , mas se realiza nas articulações intersubjetivas.¹⁵ Desse modo, a interação entre o protagonista e as demais personagens é exemplificativa do fato de que o poder se instaura no manejo de forças estabelecido na esfera interpessoal, já que nem *don* Isidro, nem os *Jóvenes Turcos* ou qualquer outra personagem podem ser considerados detentores de “um objeto natural, uma coisa”¹⁶ denominada poder.

No comportamento de *don* Isidro, identifica-se o entabulamento de relações de poder em que o oprimido consiste, especialmente, na figura da mulher idosa. A reprimenda dirigida pelo protagonista à velhice feminina consubstancia-se em pensamentos de reprovação, olhares de censura e escusas quanto ao estabelecimento de relações de solidariedade. Desse modo, as articulações entre *don* Isidro e idosas qualificam-se como uma espécie de “relação negativa”,¹⁷ isto é, consistem em um silêncio prenhe de mensagens de desprezo e rejeição. Sem percorrer a via do confronto direto, o protagonista coloca seus preconceitos à vista, por exemplo, durante encontro com os *muchachos* no café de Canning, ocasião em que se depara com uma velha senhora:

Entró el diarero don Manuel, bebió en el mostrador su vaso de vino tinto, se fue y, como siempre, dejó la puerta entrea-bierta. Ágil para evitar corrientes de aire, Vidal se levantó, la cerró. De regreso, al promediar el salón, por poco tropezó con una mujer vieja, flaca, estrafalaria, una viviente prueba de lo que dice Jimi: *¡La imaginación de la vejez para inventar fealdades!*. Vidal dio vuelta la cara y murmuró:

— *Vieja maldita.*

En una primera consideración de los hechos, para justificar el exabrupto, Vidal atribuyó a la señora el chiflón que por

15. FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 141.

16. Segundo Roberto Machado, “não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” Cf. MACHADO *apud* FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. X.

17. FOUCAULT. *História da sexualidade I*, p. 81.

poco le afecta los bronquios y entre sí comentó que las mujeres no se comiden a cerrar las puertas porque se creen, todas ellas, reinas. Luego recapacitó que en esa imputación era injusto, porque la responsabilidad de la abertura recaía sobre el pobre diarero. *A la vieja sólo podía enrostrarle su vejez*.¹⁸

Ao virar o rosto para imprecisar contra a mulher, *don* Isidro questiona a simples presença da idosa em espaços franqueados ao público, como se àquela não fosse lícito exibir aos demais as marcas que o tempo deixou em seu corpo. Comportando-se desse modo, Vidal oferece sua parcela de contribuição para que a velhice feminina seja relegada a uma sorte de desterro e, conseqüentemente, coopera para o insulamento daquelas mulheres que não deseja ter ao alcance dos olhos. O incômodo sentido pelo protagonista potencializa, no romance, o estranhamento nos termos propostos por Freud. Conforme observado por Haydée Ribeiro Coelho em ensaio dedicado à análise de textos de Monique Proulx e Clarice Lispector, o estranhamento é relacionado por Freud àquilo que provoca temor e “(...) deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz”.¹⁹ A referida professora chama atenção para a impossibilidade de que se mantenham, fora do horizonte de convívio, aspectos e sujeitos tidos como indesejados, já que “(...) o estranho, o estranhamento e o estrangeiro estão imersos no cotidiano, entrelaçados à maneira como os indivíduos se representam, se olham, e, igualmente, são representados”.²⁰

A partir da maneira como *don* Isidro participa das relações de poder e do modo como suas memórias são organizadas, percebe-se que a personagem se agarra a uma precária sensação de estabilidade, oferecendo resistência aos paulatinos abalos que o atingem durante a *guerra al cerdo*. Ao início da narrativa, o protagonista procura segurança no espaço por onde transita: “(...) en voz alta se preguntó qué tenía esa mañana la ciudad, porque parecía más linda y más alegre”.²¹ Com essa observação, *don* Isidro reivindica a manutenção do sentimento de pertença à cidade e a acolhida em um ambiente onde possa encontrar traços de sua memória afetiva e das práticas que lhe são familiares. A reclamação de vínculos positivos com o espaço a seu redor implica, também, uma tentativa de escape tanto dos estranhos olhares dos pedestres quanto da ansiedade sentida em relação ao não recebimento de sua aposentadoria – supostamente, uma medida de apoio do Estado aos *Jóvenes Turcos*. Enquanto percorre a avenida Las Heras, Isidoro Vidal promove o contato entre duas temporalidades distintas, quais sejam, a de suas lembranças e a daquela manhã em que a mirada alheia o perturba. Como assinala Hans Belting, citado por Elisa Maria Amorim Vieira, “o intercâmbio entre experiência e recordação, diz Belting, é um intercâmbio entre mundo e imagem. Dessa forma, tais imagens participam em cada nova percepção do mundo, uma vez que se superpõem às impressões sensoriais”.²² No caso de *don* Isidro, para além de uma superposição, opera-se uma

18. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 12, grifos nossos.

19. FREUD *apud* COELHO. O estranho, o estranhamento e o estrangeiro em Monique Proulx e Clarice Lispector, p. 171.

20. COELHO. O estranho, o estranhamento e o estrangeiro em Monique Proulx e Clarice Lispector, p. 185.

21. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 20.

22. BELTING *apud* VIEIRA. 1936-1937: imagens e memórias de um cotidiano *virtualmente abolido*, p. 302.

desconfortável fricção entre as imagens pretéritas de Buenos Aires, condensadas na observação positiva sobre a cidade, e a interação pouco aprazível de olhares no espaço público.

A resistência oferecida por *don* Isidro ao deslocamento imposto pela *guerra al cerdo* também se deixa verificar no zelo demonstrado pela personagem quanto à manutenção da estabilidade das relações sociais de que participa. A personagem não abre mão das habituais visitas à padaria do amigo Rey, ainda que as filhas deste lhe dispensem um tratamento ríspido. No entanto, aquela resistência não ganha proporções de embate ou profundo apego ao passado. Em suas caminhadas, o homem percebe a inexorável mudança nas feições da cidade, mas não as maldiz ou se atém a uma reflexão angustiada sobre tais alterações. Nessa linha de raciocínio, destaca-se a passagem em que, diante de uma casa em processo de demolição, *don* Isidro detém a caminhada para mirar um cômodo e formular uma observação despreziosa: “Debió de ser una sala”.²³ A relativa indiferença expressa defronte o prédio parcialmente destruído passa a consistir, desse modo, em forma de resistência silenciosa ao apagamento de partes da cidade por onde a personagem transita.

O apego de *don* Isidro à noção de quotidianidade, não obstante as ameaças de ataque vindas dos jovens, associa-se a processos rememorativos notadamente quando as lembranças guardam uma conotação de utilidade, já que se prestam

ao conforto da personagem ou expressam um intento de fuga das reconfigurações promovidas na cidade em decorrência da *guerra al cerdo*. Na impossibilidade de um compartilhamento daquelas memórias – ou mesmo em razão de um desinteresse em fazê-lo quando em companhia dos *muchachos* –, Vidal acaba por acessá-las na solidão de suas meditações, o que contribui para a incrustação da personagem. O protagonista recorre ao alento propiciado pelas lembranças, por exemplo, durante o velório de Huberman, uma das vítimas dos *Jóvenes Turcos*. Sem que os demais presentes à ocasião o saibam, *don* Isidro mais é confortado que conforta, pois a lembrança dos laços afetivos com a família do falecido consiste em afirmação de que a personagem possui vínculos com o meio em que vive e não foi completamente posta à margem em razão da guerra.

Se as turbacões na dinâmica social contribuem para o enstimesmamento da personagem, o ambiente privado o potencializa. Logo à primeira página de *Diario de la guerra del cerdo*, *don* Isidro é encontrado sozinho em seu quarto. Os limites de sua privacidade estão circunscritos àquelas quatro paredes, localizadas em uma pensão, que mais parecem abafar do que acolher: “Confinado a su cuarto, y al contiguo de su hijo Isidorito, quedó por entonces desvinculado del mundo”.²⁴ Os momentos desse retiro são consequência de dores em um dente molar, e os dias posteriores, em que “la fiebre le daba pretextos

23. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 22.

24. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 7.

25. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 9.

para seguir en el cuarto y no dejarse ver”,²⁵ decorrem da visita de *don* Isidro a um dentista, ocasião em que teve todos os seus dentes retirados e substituídos por uma dentadura.

Os primeiros parágrafos do romance já ilustram a maneira como se estabelecem relações de poder em face do idoso e mostram que, para além de oprimir outra subjetividade – a mulher idosa –, *don* Isidro é vitimado por aquelas relações. Em sua ida a um consultório dentário, a personagem espera encontrar uma solução para a dor causada por apenas um dente. Contudo, a violência do procedimento técnico-científico inutiliza toda sua arcada dentária porque, em referência às gengivas (encías) o dentista afirma que “a cierta edad las encías, como si fueran de barro, se ablandan por dentro y (...) felizmente ahora la ciencia dispone de un remedio práctico: la extirpación de toda la dentadura y su remplazo por otra más apropiada”.²⁶ Na remoção dos dentes de *don* Isidro, verifica-se o exercício de poder da ciência diante do homem velho, que tem parte de seu organismo considerado inútil ou indesejável. A medida adotada pelo dentista, autoridade portadora do conhecimento, proporciona ao paciente um estado de desassossego maior que quaisquer sensações de alívio e satisfação. Nesse sentido, o episódio vai ao encontro de certa assertiva de Anthony Giddens, para quem um dos desdobramentos de nossa época reside na “confiança” – equiparada a um “artigo de fé” – forçosamente depositada

pelo leigo em chamados “sistemas peritos”,²⁷ isto é, em campos especializados do saber que dificilmente são questionados e reduzem o nível de autonomia do sujeito na tomada de decisões.

As relações de poder ganham relevo em *Diario de la guerra del cerdo* à medida que são trabalhadas para além de interlocuções entre particulares, como *don* Isidro e o dentista, e passam a incluir outros atores, como o Estado e veículos de comunicação de massa. A associação entre os *Jóvenes Turcos* e a esfera estatal se deixa revelar, por exemplo, em determinado questionamento de Leandro Rey, um dos *muchachos*: “¿Por qué el gobierno tolera que ese charlatán, desde la radio oficial, difunda la ponzoña?”.²⁸ Embora o consórcio entre jovens e gestores públicos esteja sugerido na indagação feita por Rey, faz-se oportuno confrontar tal informação com breve passagem constante das primeiras linhas do romance, a partir das quais se infere que as ações de violência orquestradas por Arturo Farrell são praticadas na clandestinidade e, aparentemente, toleradas por um governo não democrático: “Vidal echaba de menos las cotidianas ‘charlas de fogón’ de un tal Farrell, a quien *la opinión señalaba como secreto jefe de los Jóvenes Turcos*, movimiento que brilló como una estrella fugaz en *nuestra larga noche política*”.²⁹

Percebe-se que o alinhamento entre juventude e governo é facilitado pelas nuances totalitárias deste, visto

27. Cf.: GIDDENS. *As consequências da modernidade*.

28. CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 50.

29. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 7, grifos nossos.

que um período político caracterizado como uma “longa noite” pode ser interpretado como um regime de exceção. Levando-se em conta que até mesmo governos com características ditatoriais costumam se preocupar com a elaboração de justificativas que legitimem suas ações e empenham-se em revesti-las de uma aparente legalidade, é possível compreender por que o apoio estatal irrestrito aos *Jóvenes Turcos* não poderia vir a público. Assim, se o Estado demonstra aquiescência em relação aos discursos proferidos por Farrell, por outra parte, preserva conveniente distância das práticas agressivas dos jovens. Em face da opinião pública, a contribuição do regime político então vigente às atividades dos jovens ocorre de maneira subliminar, a partir de modulações do discurso oficial, que relativiza a magnitude das práticas de violência:

– La verdad es que yo no envidio al gobierno – reconoció el de las manos enormes – . Hágase cargo: una situación por demás delicada. Si usted no atrae a la oficialidad joven y a los conscriptos, caemos en la anarquía. Un hecho aislado, de vez en cuando, es el precio que debemos pagar.

– ¿Qué les ha dado a estos? Todos hablan de hechos aislados – preguntó Arévalo.

Jimi explicou:

– Escucharon anoche el comunicado del ministerio. Decía que la situación estaba perfectamente controlada, salvo hechos aislados.³⁰

Levando-se em conta que a intrincada feição do opressor em *Diario de la guerra del cerdo* é composta por traços advindos de outros atores sociais e políticos, para além dos *Jóvenes Turcos* e do Estado, ressalta-se a atuação de veículos midiáticos durante os dias de abalo à paz social em Buenos Aires. Assim como no caso dos discursos de Arturo Farrell, o leitor do romance de Adolfo Bioy Casares não tem acesso direto ao conteúdo das matérias publicadas nos jornais a respeito dos ataques aos idosos. Uma informação pontual, no entanto, assume elevada importância para a interpretação das relações de poder verificadas no enredo e para a compreensão do título do texto literário. Trata-se de artigo publicado no periódico *Ultima Hora*, comentado por Arévalo, um dos *muchachos*, em conversa entabulada durante o velório de Néstor, um dos membros do círculo de amigos. Naquele texto de jornal, o período de violência sofrida pelos idosos ganha o rótulo de *guerra al cerdo*.³¹

O papel desempenhado pelos jornais em tempos de animosidade contra os idosos pode ser avaliado a partir da reação de seus leitores, representados no romance pelos próprios *muchachos*. Isso porque no diálogo mantido entre os amigos acerca do termo *guerra al cerdo* verifica-se a força da

30. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 96, grifo nosso.

31. CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 91.

mídia no processo de apreensão de dados brutos e o subsequente manejo de informações com vistas à criação de sentidos que, no caso em análise, não são favoráveis à velhice. Mediante a designação *guerra al cerdo*, constata-se primeiramente o incômodo de Leandro Rey no que toca ao emprego da contração *al*, que lhe parece incorreta. Ainda que se restrinja a um comentário de ordem gramatical, a inquietação do *muchacho* espanhol pode ser considerada pertinente, pois a contração *al* guarda em si a ideia de alvo, de algo que deve ser exterminado, apontando desse modo a significação *guerra* contra o *cerdo*. Constata-se, assim, no que parece ser um simples detalhe, a desqualificação do idoso a partir de um termo que sugere o extermínio de uma espécie animal.

A inquietação de Rey é seguida de ponderação feita por Arévalo, que indaga por que o autor do artigo teria escolhido o vocábulo *cerdo*, isto é, porco, ao invés de *chancho*. A esse respeito, Javier de Navascués esclarece que “la palabra ‘cerdo’, de origen peninsular, no se emplea en la Argentina, en donde resulta mucho más habitual hablar de los ‘chanchos’”.³² O diálogo dos *muchachos* tem continuidade com a informação, prestada por Dante, de que o jornal *Crítica* atribuíra a denominação *Cacería de búhos*,³³ ou seja, caça às corujas, ao período de violência contra os idosos. De posse das designações cunhadas pelos dois periódicos, os *muchachos* se limitam a comentários sobre o termo mais vantajoso aos senescentes: porcos ou corujas.

Os questionamentos de Rey e Arévalo afiguram-se superficiais, visto que se atêm mais a questões formais do que ao conteúdo dos artigos publicados nos jornais *Última Hora* e *Crítica*. Confrontado pela força de dois veículos de comunicação de massa, até mesmo Arévalo, o mais perspicaz dos *muchachos*, curva-se à autoridade discursiva da mídia impressa, tornada incontestada, utilizando-se a perspectiva de Pierre Bourdieu, pelo “capital simbólico”³⁴ que possui. Com efeito, a credibilidade dos posicionamentos assumidos pelos periódicos é inculcada de tal maneira no imaginário da comunidade de leitores que estes – aí incluídos os *muchachos* – não questionam as políticas editoriais adotadas, tampouco as implicações negativas dos termos pejorativos conferidos aos idosos.

A ausência de uma reação contestatória em face das matérias de jornal se coaduna com a óptica de Pierre Bourdieu que, ao refletir sobre as dinâmicas nas quais se verifica o exercício do “poder simbólico”, ressalta que “as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações”.³⁵ Desse modo, as práticas de poder estabelecidas entre instituições e sujeitos são sustentadas, em importante medida, pela legitimidade atribuída àquelas sem que tenha havido, por parte destes, uma reflexão detida sobre as decisões e os interesses implícitos nos posicionamentos institucionais. Trata-se, portanto,

32. NAVASCUÉS. *El esperpento controlado*, p. 73.

33. CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 92. O *Crítica* a chama de *Caça às corujas*. Cf. CASARES. *Diário da guerra do porco*, p. 84.

34. BOURDIEU. *O poder simbólico, passim*. A noção de “capital simbólico” diz respeito a diversas formas de capital (social, econômico, linguístico, intelectual etc.) acumulado pelos agentes ou pelas instituições dos diferentes campos, revestindo-os de autoridade legítima para enunciar e definir formas de ver o mundo. Enquanto o “capital simbólico” se refere a esse material acumulado, o “poder simbólico” aponta, sobretudo, para o exercício da violência simbólica possibilitada pela detenção daquele capital.

35. BOURDIEU. *O poder simbólico*, p. 11.

de uma relação de reconhecimento, em que o capital só é possuído se reconhecido. Levado ao extremo no romance, tal reconhecimento se manifesta na ausência de uma contestação acerca do posicionamento assumido pelos jornais e dos rótulos por estes cunhados.

Percebe-se, assim, que Última Hora e *Crítica* se apropriam de determinados repertórios e os modulam, criando uma informação e ofertando uma nova maneira de mirar a realidade a partir da interpretação construída em textos jornalísticos. Para proceder de tal forma, a mídia impressa pressupõe a receptividade crédula e passiva do público leitor, o que se verifica no comportamento dos *muchachos*. O grupo de amigos não cogita questionar a utilização do termo *guerra* – quando, em verdade, o termo massacre seria mais adequado – e a desqualificação do idoso por meio de sua animalização. Não questiona, ainda, a responsabilidade dos jornais por um encorajamento indireto à violência contra os idosos a partir da equiparação destes a porcos ou corujas; afinal, hipoteticamente, seria mais fácil levantar a mão contra um porco do que contra alguém que é considerado um semelhante. A associação dos velhos a porcos é reforçada em observação feita por Arévalo, que, fazendo uso do sujeito indeterminado, lista adjetivações depreciativas da velhice: “—¿De dónde sacaron la idea? *Dicen* que los viejos —explicó Arévalo— son egoístas, materialistas, voraces, roñosos. Unos verdaderos *chanchos*”.³⁶ A força enunciativa dos jornais leva Arévalo, por fim,

a render-se e a relativizar o respeito ao idoso, associando a denominada *guerra al cerdo* a variações de tratamento dirigidas à velhice conforme percepções culturais distintas: “ – Por algo los esquimales o lapones llevan a los viejos al campo para que se mueran de frío (...). Solamente con argumentos sentimentales puede uno defender a los viejos: lo que hicieron por nosotros, ellos tienen también un corazón y sufren, etcétera”.³⁷ Verifica-se, destarte, que as relações de poder entre mídia e leitor trabalhadas na narrativa acabam por ilustrar o *modus operandi* do “poder simbólico”, nos termos da reflexão desenvolvida por Pierre Bourdieu:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário.³⁸

Na conversa dos *muchachos* a respeito das publicações nos jornais – e, especialmente, nas observações feitas por Arévalo –, nota-se que os discursos das personagens são atravessados por vetores políticos, econômicos, sociais e culturais que condicionam seus modos de agir e reagir aos acontecimentos do entorno. Aquelles vetores provêm de

36. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 92.

37. CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 92.

38. BOURDIEU. *O poder simbólico*, p. 14, grifo original.

origens múltiplas e se organizam em um arranjo que conta com a participação de instâncias outras, articuladas, cada qual a seu modo, na rede de relações de poder constituída pelos *Jóvenes Turcos*, pelo Estado e pela mídia. De maneira específica, a orquestração composta por uma significativa variedade de atores é apontada na fala de um jovem desconhecido, que comparece ao velório do *muchacho* Néstor: “ – Me consta. Hay estudiosos. Detrás de todo esto hay mucho médico, mucho sociólogo, mucho planificador. En la más estricta reserva le digo: hay también gente de iglesia”.³⁹ A partir dessa assertiva, é possível pensar sobre as atuações da ciência e da técnica – representadas por médicos, sociólogos e planejadores – e de instituições, como a imprensa e a igreja, adotando-se a óptica de Louis Althusser, segundo o qual o Estado atua sobre a “formação social”⁴⁰ ao lançar mão de seu aparelho repressivo, constituído pelo “governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc”,⁴¹ e, também, por meio do funcionamento de aparelhos ideológicos, constantes das esferas “religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc”.⁴²

Compreendendo-se que a ciência, a técnica, a imprensa e a igreja pertencem ao círculo dos chamados “aparelhos ideológicos” de Estado, cumpre ressaltar, na esteira das reflexões de Louis Althusser, que cada campo do saber e cada instituição, ao reverberar valores e preceitos políticos e normativos

emanados do âmbito estatal, opera de maneira parcialmente autônoma. Nesse sentido, a atuação de cada instância ocorre qual engrenagem ajustada às demais, porquanto todas teriam seu funcionamento orientado por um viés ideológico semelhante, cuja fonte não residiria no Estado em si mesmo, mas em uma “classe dominante”, formuladora das diretrizes que subordinam as “forças produtivas” e das “relações de produção”.⁴³

Em menção a certa perspectiva de Sartre, Simone de Beauvoir ressalta que, numa sociedade, os indivíduos estabelecem, uns com os outros, “laços de reciprocidade” fundados na “diversidade de sua *praxis*”⁴⁴: “Nesta relação cada um rouba ao outro um aspecto do real e lhe indica seus limites: o intelectual se reconhece como tal em face do trabalhador manual.” Desprovido de uma “dimensão teleológica”, expressa em atividade por meio da qual possa oferecer algo ao grupo, o velho é definido “(...) por uma *exis* e não por uma *praxis*. O tempo o leva para um fim – a morte – que não é o seu fim, nem é proposto por algum projeto. Surge, por isto, diante dos indivíduos ativos, como uma ‘espécie estranha’ na qual eles (*sic*) não se reconhecem”.⁴⁵

Em *Diario de la guerra del cerdo*, a estruturação do conflito possui, como ponto de partida, os comportamentos do jovem e do adulto, que, seguindo linha semelhante à verificada por Beauvoir, inclinam-se a tratar o velho como uma “espécie

39. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 102.

40. ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*, p. 54.

41. ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*, p. 67.

42. ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*, p. 87.

43. ALTHUSSER. *Aparelhos ideológicos de Estado*, p. 71; 54.

44. SARTRE *apud* BEAUVOIR. *A velhice*, p. 242.

45. BEAUVOIR. *A velhice*. A realidade incômoda, p. 243.

estranha” e desprovida de utilidade. Valendo-se dessa atitude de estranhamento diante da senescência, os *Jóvenes Turcos* e seus aliados fomentam a distância criada pelo falacioso binarismo *não-velho – velho*. Curioso é observar que, se por um lado, a *guerra al cerdo* se reveste de um pretexto de diferenciação entre jovens e velhos, por outro iguala a todos por meio da bestialização dos envolvidos. Enquanto os idosos são associados a porcos ou corujas, os jovens se comportam, segundo observado por Arévalo, à maneira de matilha que se permite conduzir por uma liderança demagoga:

– Ésta es la juventud, que debía pensar por sí misma – adujo Arévalo – . Piensa y actúa como una manada. (...) Ya no hay lugar para individuos – aseguró flemáticamente Arévalo – . Sólo hay muchos animales, que nacen, se reproducen y mueren. La conciencia es la característica de algunos, como de otros las alas o los cuernos”.⁴⁶

O fio condutor do conflito reside em *don Isidro*, personagem de ambiguidades manifestas e, por isso, a um só tempo porco e membro da matilha. Dá-se a conhecer, dessa maneira, um protagonismo que ultrapassa tanto a pura e simples vitimização do idoso quanto a intenção de um perfeito enquadramento do sujeito nos domínios da velhice, pois Vidal atravessa a *guerra al cerdo* perambulando pela embaçada fronteira entre vida adulta e senescência. Amigo dos *muchachos*,

embora deteste a velhice que nestes habita, portador de ligeira e confessa simpatia pelos discursos de Arturo Farrell e repositório de elevada repulsa ao envelhecimento feminino, *don Isidro* oferece contributo à configuração da face inimiga, ainda que assim não proceda deliberadamente. Em sua trajetória titubeante, o protagonista realça a incoerência de uma demarcação de lados criada por uma guerra que, de antemão, derrotou a todos. Afinal, os jovens que, combativos, põem-se na linha de frente das ações de extermínio, acabam implicados em verdadeira quixotada: almejam, em última análise, controlar a condição humana por meio da extirpação de um de seus aspectos essenciais. Como bem observa Arévalo, “ – En esta guerra los chicos matan por odio contra el viejo que van a ser. Un odio bastante asustado...”⁴⁷

Em face do exposto, cabe retomar a inquietação de Helena, protagonista da obra infantil *Bem do seu tamanho*, acerca de sua justa medida. Ao expressar a indagação “ – Espelho meu, espelho meu, que tamanho tenho eu?”,⁴⁸ a menina se coloca, sem que o saiba, como voz representativa da angústia quanto à impossibilidade de uma precisa correspondência entre subjetividades e rótulos pertinentes a exatos estágios da vida. Em circunstâncias distintas e experimentando o processo de envelhecimento, *don Isidro* ratifica, em *Diario de la guerra del cerdo*, o caráter fugidio das respostas que se poderiam apresentar à pergunta de Helena. Ao longo da narrativa

46. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 113.

47. BIOY CASARES. *Diario de la guerra del cerdo*, p. 107.

48. MACHADO. *Bem do seu tamanho*, p. 6.

casareana, Isidoro Vidal perambula pelos territórios da vida adulta e da velhice por meio de comportamentos, meditações e enunciados, e, também, a partir de juízos postos pelo olhar do outro, que ora o qualifica como jovem, ora o toma por velho. Ao desfecho da obra, *don* Isidro não apenas reafirma a conduta oscilante como nesta se embrenha, colocando-se além de designações estanques a propósito de sua idade e transitando entre a mocidade de Nélide, por quem se enamora, e a velhice de seus amigos, os *muchachos*.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. A realidade incômoda. vol. I. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel, 1970.
- BIOY CASARES, Adolfo. **Diario de la guerra del cerdo**. Buenos Aires: Emecé, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- COELHO, Haydée Ribeiro. O estranho, o estranhamento e o estrangeiro em Monique Proulx e Clarice Lispector. **Caligrama**. Revista de estudos românicos. vol. 9. p. 171-186. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Coleção Vega Universidade. Lisboa: Vega, 1995.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MACHADO, Ana Maria. **Bem do seu tamanho**. II. Gerson Conforto. 8. ed. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1986.
- MACHADO, Irene A. A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin. In **Revista USP**. Seção Livros. n. 5, p. 135-42. mar.-mai., 1990.
- MACHADO, Roberto. Introdução. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Martinez, Marina Quintanilha. Contracapa. In: MACHADO, Ana Maria. **Bem do seu tamanho**. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1986.
- NAVASCUÉS, Javier de. **El esperpento controlado**. La narrativa de Adolfo Bioy Casares. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 1995.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Além da Idade da Razão:** longevidade e saber na ficção brasileira. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

VIEIRA, Elisa Maria Amorim. 1936-1937: imagens e memórias de um cotidiano virtualmente abolido. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs). **Imagem e memória.** Belo Horizonte: Rona; FALE/UFMG, 2012.